



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

LENISE MARIA DA SILVA

UM RESGATE HISTÓRICO DA FESTA DOS PADROEIROS EM DONA INÊS-PB

GUARABIRA
2017

LENISE MARIA DA SILVA

UM RESGATE HISTÓRICO DA FESTA DOS PADROEIROS EM DONA INÊS-PB

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Área de concentração: História, memória e cotidiano.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto.

GUARABIRA
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Lenise Maria da
Um resgate histórico da festa dos padroeiros em Dona Inês-PB
[manuscrito] / Lenise Maria da Silva. - 2017.
42 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Francisco Fagundes de Paiva Neto,
Departamento de História".

1. Tradição. 2. Cultura 3. Memória 4. Devoção Religiosa. I.
Título.

21. ed. CDD 320

LENISE MARIA DA SILVA

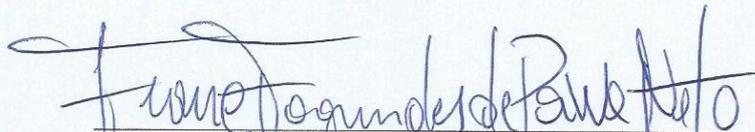
UM RESGATE HISTÓRICO DA FESTA DOS PADROEIROS EM DONA INÊS-PB

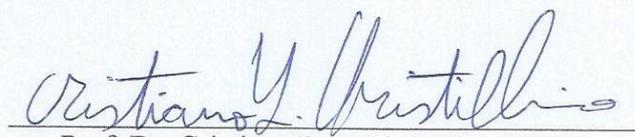
Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

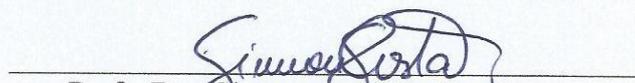
Área de concentração: História, memória e cotidiano.

Aprovada em: 05/04/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto/UEPB
(Orientador)


Prof. Dr. Cristiano Luís Christillino/UEPB
Examinador


Profa. Dra. Simone da Silva Costa/UEPB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por todas as bênçãos que me concedeu.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Francisco Fagundes de Paiva Neto por sua extraordinária dedicação, pontualidade, paciência e incentivo. Sou eternamente grata, suas orientações e conselhos sempre me ajudaram tanto nas questões acadêmicas como na minha vida pessoal.

A minha família pelo apoio, carinho, motivação e cuidado, que não mediram esforços ao longo do curso, para que eu chegasse até esta etapa de minha vida. Sem vocês a vida seria o caos.

A todos os entrevistados, sem os quais não seria possível a produção deste trabalho.

Aos meus professores e professoras de um modo geral, pela contribuição no meu enriquecimento intelectual.

A banca examinadora, muito obrigada pela disposição e pelas sugestões.

A todos os colegas da turma 2011.2 do curso de história pelo conhecimento compartilhado. Foi bom conviver com vocês.

Aos funcionários da UEPB, pelos esclarecimentos e atendimentos quando foi necessário.

A todos aqueles, que de alguma forma, colaboraram para a realização deste trabalho final de conclusão de curso, muito obrigada!

UM RESGATE HISTÓRICO DA FESTA DOS PADROEIROS EM DONA INÊS-PB

Lenise Maria da Silva*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo expor o resgate histórico da festa de Santa Inês e São Sebastião na cidade de Dona Inês-PB, analisando as mudanças e permanências de 1970 até a atualidade. Utilizou-se a área de concentração dessa pesquisa: História, memória e cotidiano. O estudo examina significativamente a trajetória da festa, observando inicialmente os primórdios do surgimento do culto e a devoção ao santo, em seguida, aborda sobre a festa religiosa e profana na década de 1970 e na contemporaneidade. Tais enfoques estão coesos ao entendimento do afastamento e a imposição dos padroeiros, a estima à devoção pelos fiéis ao longo do tempo, a criação e a recriação do espaço sagrado e profano e a inserção de Santa Inês juntamente com São Sebastião, em meio aos conflitos, ideologias e aspectos expressivos da época. Reconstruindo desse modo, o passado a partir do presente, de modo a promover a importância significativa dos acontecimentos a sociedade, para manter viva a tradição. Para a construção deste trabalho o recurso metodológico remeteu-se a análise por meio de uma pesquisa bibliográfica (livros e teses); além de revistas eletrônicas; em fontes primárias por meio do livro de tombo e, principalmente, a metodologia da história oral, que se tornou um elemento fundamental para possibilitar o conhecimento da reconstrução dos aspectos do passado no presente. Como contribuição teórica buscou-se apoio em Alessandro Portelli, Ecléa Bosi, Eliade Mircea, Peter Burke, entre outros que abordam a temática em questão.

Palavras-chave: Tradição, Cultura, Memória, Devoção Religiosa.

* Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: lenisemaria15@gmail.com

A HISTORICAL RESCUE OF THE PATRON'S FEAST IN DONA INÊS-PB

Lenise Maria da Silva[†]

ABSTRACT

This article aims to expose the historical rescue of the feast of Santa Inês and São Sebastião in the city of Dona Inês-PB, analyzing the changes and permanencies from 1970 to the present time. We used the area of concentration of this research: History, memory and daily life. The study examines significantly the trajectory of the feast, observing initially the beginnings of the emergence of the cult and devotion to the saint, then addresses the religious and profane feast in the 1970's and in the contemporary. Such approaches are consistent with the understanding of the departure and imposition of patrons, esteem for devotion by the faithful over time, creation and recreation of sacred and profane space and the insertion of St. Agnes along with St. Sebastian in the midst of conflicts, ideologies and expressive aspects of the time. Reconstructing in this way, the past from the present, in order to promote the significant importance of events to society, to keep the tradition alive. For the construction of this work the methodological resource was referred to the analysis through a bibliographical research (books and theses); Besides electronic magazines; In primary sources by means of the book of tombo and, mainly, the methodology of the oral history, that became a fundamental element to make possible the knowledge of the reconstruction of the aspects of the past in the present. As a theoretical contribution, support was sought from Alessandro Portelli, Ecléa Bosi, Eliade Mircea, Peter Burke, among others, who deal with the subject matter.

Keywords: Tradition, Culture, Memory, Religious Devotion.

[†] ¹ Student Undergraduate Full Degree in History at the State University of Paraíba - Campus III.
Email: lenisemaria15@gmail.com

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2. SURGIMENTOS E MOTIVOS DA FESTA DOS PADROEIROS.....	17
2.1 OS PRIMÓRDIOS DA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO.....	20
2.2 A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO A PARTIR DE 1970.....	29
2.3 A FESTA RELIGIOSA NA CONTEMPORANEIDADE.....	32
2.4 A FESTA PROFANA NA CONTEMPORANEIDADE.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda um resgate histórico da festa de Santa Inês e São Sebastião na cidade de Dona Inês na Paraíba. Trata-se de um evento que vem sendo preservado pela fé e principalmente pela tradição, desde meados do século XX até os dias atuais. A proposta deste estudo voltou-se para a trajetória da festa dos padroeiros, buscando analisar as mudanças e permanências da referida manifestação cultural em termos que circundam os aspectos religiosos, sociais e políticos no município.

A análise sobre o resgate da festa dos padroeiros elenca a importância desta devoção à população, na construção e desdobramento da sua cultura, por ser uma tradição que carrega uma historicidade simbólica e significativa na edificação da fé e na construção dos espaços que englobam sentidos tanto sagrados como na revelação do profano. Tradição que persiste, diante das mudanças temporais, e que vai incorporando novas perspectivas em sua estrutura e forma, mediante os sentidos constituídos, diretamente ligados a subjetividade, como condição pragmática a vida.

Conhecer a memória de uma parte da população é preponderante para resgatar a história vivida e construída desde os primórdios da devoção e que vão sendo regados conforme a tradição, na qual a representação vai agregando valores e conceitos. Não é possível compreender a festa na contemporaneidade, sem o resgate significativo das etapas que antecedeu, assim entender a construção da edificação da festa, não é feito abruptamente, mas em um trabalho contínuo da consciência através do tempo que esta pesquisa se propõe.

Ao longo da trajetória da festa, novos arranjos aparecem no que se alude a visibilidade desta na região, permitindo a expansão do comércio local, o crescimento de devotos e participantes, as modificações na forma de se manifestar e tantos outros aspectos que acontecem mediante a dinâmica do percurso da festividade no decorrer do tempo.

As manifestações religiosas estão presentes na cultura popular, sendo uma modalidade de rito que perdura desde a origem do homem quanto na sua trajetória, associado aos seus costumes, tradições e crenças. Consideradas essenciais porque permite a construção de sua identidade e promove às mudanças do espaço social que consiste as populações, agregando ao longo do tempo valores simbólicos a estas atividades.

A importância significativa das festas religiosas está condicionada ao sagrado, em uma relação do homem com o divino, porém ao longo do tempo tal manifestação vai desencadear

também uma nova relação, o homem e suas aspirações, onde o profano surge como forma de prosseguimento ao sagrado, criando novos espaços e agregando novos valores.

As festas dos padroeiros na cidade de Dona Inês, constitui 81 anos de tradição, abarcando toda uma construção religiosa e cultural, que através da história oral, permitiu-se compreender a origem do evento, as possíveis mudanças e permanências ocorridas ao longo dos anos, dialogando com as práticas sociais, muitas vezes cristalizada e pouco questionada.

O estudo aborda uma discussão teórica conceitual, sobre cultura na perspectiva de Peter Burke (1989), Frade (1997), Gertz (1974), Renato Ortiz (1980, 2003), Canclini (1997), festas em Ferreira (2009), Tinhorão (2000), Rosendahl (1999), Ferreti (2001), Le Goff (1996), Brandão (2011), Galvão (1976), Neves (2003), espaço sagrado e profano em Eliade (1992, 1998, 2008), memória em Halbwachs (1990), Portelli (1997, 2009), Ecléa Bosi (1994), Petruski (2008), e métodos e técnicas de pesquisa em Lakatos (1991), Gil (1994), entre outros. Além da pesquisa bibliográfica, houve trabalho de campo com observação direta e colhimento de informações através de entrevistas e depoimentos.

Desse modo, o trabalho trata no primeiro momento sobre os primórdios da festa de São Sebastião, enfatizando o surgimento da devoção e seu novo valor na dinâmica da cidade. No segundo momento conota a respeito da trajetória da festa e a recriação dos espaços, como também a inserção de Santa Inês como padroeira, e por fim destaca as transformações ocorridas na festa religiosa e profana na contemporaneidade em reflexos aos aspectos religiosos e culturais no decorrer do tempo. Assim reconstrói o resgate da festa através das memórias e das histórias vividas pelos seus participantes. Como também pelas fontes primárias, pesquisadas e analisadas sobre o assunto, logo, fica evidente que o estudo permite com que a lembrança seja uma forma na qual o passado sobreviva através da memória.

1. Referencial teórico

As celebrações sempre estiveram presentes na vida dos indivíduos, fazendo parte de processos rituais relacionados a diversos momentos da vida comunitária ou social. Desde a antiguidade têm-se registros desses encontros de grupos diversos, que celebram algum evento extraordinário, pois circunstancialmente transformador diante da cotidianidade. Nas culturas judaicas, cristãs e islâmicas essas datas comemorativas associam-se ao título atribuído por Le Goff de “religiões memória”. Deste modo, as festas religiosas foram se perpetuando ao longo dos séculos e tornaram tradicionais por se relacionar ao calendário de uma determinada nação ou etnia.

As festas com base no caráter sagrado e profano são acontecimentos tradicionais que deslocam grupos de pessoas em busca de conforto espiritual, equilíbrio psicológico, fuga do cotidiano, lazer e enriquecimento cultural. Na concepção de Ferreira (2009, p.17) a comemoração religiosa “é um momento de celebração da vida, que rompe o ritmo monótono do cotidiano, e permite a vivência de afetos e emoções”. Logo, é um período diferencial que renova os laços pessoais e coletivos, promovendo a construção social no que se refere aos costumes e hábitos religiosos que se transformam por meio da devoção e fé com o divino em virtude da festividade. Ainda segundo a autora citada, as festas de caráter religioso “também perpetuam as tradições e constituem um verdadeiro patrimônio cultural” (2009, p.17). Neste sentido, a festa provoca uma quebra do cotidiano, fazendo as pessoas esquecer ou administrar as preocupações, inquietações e as agruras dos dias, bem como de agradecer pelas bem-aventuranças, podendo renovar o ciclo de promessas, devoções e agradecimentos. Essa relação cria um vínculo afetivo ao evento religioso e pode ganhar feições geracionais, pois em algumas cidades, regiões ou países, alguns santos tornam-se verdadeiros elementos da constituição identitária religiosa: São Jorge da Rússia (mas também padroeiro de Portugal, celebrado em todo o Brasil e mesmo na Índia, devido à colonização britânica), Nossa Senhora de Guadalupe (México), Padre Pio (Itália), dentre outros. Além do mais, tais eventos religiosos preservam as manifestações culturais tradicionais transmitidas de geração em geração.

Os registros das festividades religiosas e da veneração aos santos no Brasil, como aponta Tinhorão (2000), surgiram com a chegada dos portugueses na área da colônia ao sul da América, avançando com a sua penetração no interior do país com fins de exploração e dominação do território. A partir daí, o catolicismo e seus preceitos foram disseminados por

todas as regiões da colônia portuguesa e do país, que surgiu no século XIX herdou um amplo repertório de crenças católicas, igualmente hibridizados por influências africanas e indígenas. As cidades que começaram a ser erguidas, as vilas que iam surgindo, principiaram a cultivar seus santos de devoção e a organizarem festas para celebrar seus dias de consagração, a partir de eventos de ordem hagiográfica: martírio, virtude, exemplaridade ou santidade.

No Brasil o culto católico durante os períodos colonial e imperial esteve subordinado a autoridade do Estado, através do sistema de padroado, que outorgava à Coroa Portuguesa responsabilidade de manter e fomentar o catolicismo através da ordem de Cristo. Todavia, nem sempre as obrigações do estado Português para a Igreja Católica no Brasil eram satisfatoriamente cumpridas, fazendo com que muitas vezes, a população tomasse o ônus da manutenção da fé católica, através das associações leigas. Para (Neves, 2003) no Brasil as irmandades religiosas foram responsáveis não só pelo fomento do culto e práticas católicas, como também pelas manifestações socioculturais entre os séculos XVII e XIX, assim como desempenharam um importante papel assistencialista e caritativo. Sob o padroado, os leigos ajudaram na construção de igrejas para a organização dos cultos e para a promoção de devoções.

Tendo em vista, no Brasil devido à diversidade cultural que temos, percebe-se o quanto os costumes mudam de uma região para outra, tudo isso devido à cultura de cada lugar. Nesse sentido as festas de padroeiros e o culto aos santos no Brasil remetem a elementos culturais, que são determinados pelos padrões comportamentais de cada época, considerando, portanto, as transformações vivenciadas em cada complexo social.

A cultura popular vai ser solidificar na antiguidade, na formação das grandes civilizações, isso pode ser observado na grande produção cultural destes povos, onde cada um tinha sua particularidade. Um exemplo disso é o culto diverso aos deuses, a entrega de oferendas aos deuses do vento, da chuva, água e colheita. Tudo isso remetendo a um tipo de politeísmo pagão, o qual será aos poucos contraposto pelo monoteísmo.

No final da Idade Média e início da Moderna ocorre à reforma protestante, onde muitos conceitos e dogmas passam a ser contestados. Vejamos o que nos diz Burke sobre essas mudanças.

Os reformadores reprovaram muitos costumes populares por serem reminiscências pagãs, “superstições” no sentido original do termo. [...] os reformadores protestantes foram mais longe e se referiam a muitas práticas oficiais da Igreja Católica como sobrevivência pré-cristãs, comparando o culto da Virgem Maria ao culto de Vênus, e descrevendo os santos como sucessores dos deuses e heróis pagãos, que tinham assumido suas funções de curar doenças e proteger de perigos. (BURKE, 1989, p. 233).

Segundo o autor, nessa ótica os homens estavam acostumados a se relacionar com deuses. Portanto a Igreja teria estimulado esse caminho de mediação entre o homem e a crença cristã, por meio da santidade, ou seja, emprestou ao seu monoteísmo uma característica politeísta, para adquirir um número maior de adeptos. Muitas crenças passam a ser contestadas e revistas a partir da Idade Moderna, por receberem influência das civilizações orientais politeístas, no entanto, pode-se a partir deste fato observar as questões ligadas aos santos instituídos pela igreja, que são acolhidos pela cultura popular, e são trazidos até os nossos dias, festejando nas festas dos padroeiros. Observa-se ainda a contestação da Igreja Protestante sobre os santos cultuados pela Igreja Católica, no qual o catolicismo justifica o culto, através do martírio em defesa da fé cristã, onde deve ser visto como exemplo de honra e glória.

Nesta pesquisa, é interessante ressaltar que foi através da cultura popular, com seus cultos e veneração, como também em agradecimentos aos benefícios alcançados, que hoje no Brasil temos um grande legado cultural de festas populares de padroeiros, onde o povo pode pedir proteção e agradecer aos santos por suas lutas, vitórias e assim festejá-los.

Uma das festas mais tradicionais desde o período colonial do Brasil são as festividades no mês de junho. Segundo Ferreti (2001) encontra-se esta manifestação no seio da Igreja Católica: no século VI a homenagear São João no dia 24 de junho, próximo ao solstício de verão [...] no século XII outros santos completaram os chamados ciclos das festas juninas, dedicando o dia 13 a Santo Antônio e 29 a São Pedro.

Uns dos principais santos padroeiros do Brasil são: São Jorge (RJ, BA, etc.), Santa Teresinha, Santa Luzia, São Sebastião, Nossa Senhora das Neves (padroeira da Paraíba), Nossa Senhora Aparecida (padroeira do Brasil), Frei Damião, caracterizando alguns estados do Nordeste e etc.

As festas estão presentes na história da humanidade, fazem parte do cotidiano das pessoas que as vivenciam. Apesar de ser acontecimentos temporários, deixam uma série de contribuição para a história dos povos, revelando suas tradições, crenças e costumes. (LE GOFF, 1996). Neste sentido, a duração festiva possibilita um resgate histórico do passado permitindo a construção presente desta manifestação cultural, no que se refere a renovação de práticas e readaptação de um povo, desse modo, os festejos sagrados e profanos são repassados de geração em geração, trazendo as tradições e hábitos de um povo.

Eliade (2008, p.79) discute a festa religiosa como um tempo sagrado e, que na maioria das vezes ocorre periodicamente pela fé em um santo ou uma santa, e o tempo profano por sua vez, seria desprovido de sacralidade e suas ações são promovidas sem a utilização direta

da liturgia religiosa. O tempo profano estabelece como prática socializadora que acontece pela temática sacra, porém regido com a autonomia relativa desta. Deste modo, os festejos religiosos, podem ser tidos como celebrações, renovação das crenças e dos compromissos com a divindade homenageada como também momento de descontração, diversão e lazer.

O sagrado manifesta-se por um intermédio de hierofania (Eliade 1992, 1998), significa dizer que algo de sagrado se revela na realidade vivida pelo homem, ou seja, determinados acontecimentos do cotidiano são tidos como sacros influenciando suas maneiras e seus modos mesmo que não haja percepção. Eliade (1992) também argumenta que a crença, a fé e as práticas religiosas permitem ao homem vivenciar seus ritos em espaços sagrados, assim torna o momento uma ocasião no qual o homem pode orar, agradecer e regenerar suas forças físicas e espirituais.

As histórias de origens dos espaços sagrados são diretamente ligadas à vida habitual dos devotos, em que fundamentam suas experiências de vida ao santo protetor do lugar, transmitido através da oralidade, sendo assim disseminadas diferentes formas de práticas religiosas. O misticismo que envolve a devoção religiosa e o surgimento da cidade traz para a vida cotidiana a magia misturada à fé, crença e a difusão de eventos religiosos, tais elementos estão mutualmente interligados, uma vez que, “as festas, procissões e romarias são as práticas mais sensacionais da religião popular” (ROSENDAHL, 1999, p.42), considerados momentos simbólicos de testemunhos dos devotos e eventos que requerem um estudo, pelo seu caráter aglutinador de fiéis, tendo como foco o santo padroeiro, no costume local e na tradição religiosa. O autor afirma que a missa e a procissão representam o sagrado oficial. A religião tem como base a fé em um ser divino, que se não pode ver, nem explicar, mas que sustenta parte da humanidade em suas crenças.

As festas populares são criações e manifestações que são empregadas, através da cultura popular. No Brasil muitas localidades se desenvolveram através das manifestações religiosas e culturais. Consiste em uma produção do espaço pelo fenômeno da fé e da crença. Exemplo disso é o que acontece na cidade de Dona Inês- PB, onde a devoção aos santos protetores desta cidade transformou os espaços em virtude do crescimento dos devotos, pelo meio da criação e alteração do ambiente de devoção no que se refere aos lugares que se regeneram para atender novas demandas sacras como a construção de uma igreja acoplada ao aparecimento das manifestações profanas que emanam outros espaços envoltos de uma base de cunho sociocultural impregnados aos valores políticos e ideológicos da época a contemporaneidade.

A cultura popular se exteriorizou em grande parte através das festas religiosas. As festas religiosas populares são ocasião para o pagamento de promessa e momentos de lazer em que desenvolvem laços de solidariedade nos meios populares.

Renato Ortiz (1980, p. 61), ressalta que a noção de cultura popular é relativamente recente, tendo surgido na Europa com o movimento romântico de inícios do século XIX, justamente quando aumentou a separação entre cultura de elite e cultura popular. Hoje se constata a diversidade da cultura popular, que não se constitui um todo homogêneo, como pensava intelectuais românticos do século passado, que inventaram este conceito no dizer de Peter Burke (1989). Dessa maneira, como afirma Nestor Canclini (1997, p. 213) é necessário que haja a desconstrução das intervenções científicas e políticas que colocaram em cena o popular. Porque a sociedade também constrói sua própria cultura – heterogênea, através de seus costumes, hábitos e tradições que também se transformam ao longo do tempo.

A cultura é muito importante no sentido de aproximar, tornar conhecido um elemento cultural a novos membros, levando as pessoas a descobrir o despertar do sentimento novo. Até porque cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana impregnada socialmente. Neste caso, como conceitua Peter Burke:

Cultura é o conjunto de padrões, de ideias, conhecimentos e comportamentos que relacionam a um determinado grupo social, podendo proporcionar a pessoa o saber artístico científico, tendo por finalidade o desenvolvimento das instituições sociais. A formação é imprescindível para o crescimento moral e intelectual (BURKE, 1995, p. 58).

De acordo com o autor, só o ser humano é portador de cultura, por isso só ele a cria, a possui e a transmite. A cultura é uma herança que o homem recebe ao nascer, é um instrumento de adaptação do homem ao meio. O homem vai enriquecendo seu tipo cultural de acordo com novos elementos culturais adquiridos, uma vez que ele é produto e produtor da cultura. Gertz ainda define a cultura popular, como sendo: “[...] aquela parte da cultura produzida pelo povo, para o povo” (1974, p.21). É nesse plano que se situa o folclore também denominado de cultura popular. Não é dado tanto valor a cultura popular como as eruditas. Segundo Frade:

Isso é resultado da desinformação e de um legado que prega que só a cultura erudita é considerada legítima, pois possui um universo que a legitima através da filosofia, das ciências e do saber produzido nas universidades e nas manifestações científicas. (FRADE, 1997, p. 88).

A cultura erudita sendo considerada mais elaborada e acadêmica, produzida por diversos intelectuais, esteve voltada e compreendida para um público particular e escolarizado distanciando da cultura da maioria, uma vez que era feita pela e para a burguesia. No que se refere à cultura popular esta estava mais associada ao senso comum, gerada e usada pela própria sociedade que não necessita de técnicas científicas e racionais, já que ela é transmitida oralmente, alcançando elementos artísticos representativos e significativos, registrando assim as tradições e os costumes de determinados grupos sociais.

Dessa maneira, a cultura passa a ser respeitada pelo entendimento da inserção das culturas e de suas transformações, importante para pensarmos nossa realidade cultural e entendermos o nosso processo histórico que produz as relações de poder e o confronto de interesses dentro da sociedade, apresentando formas e características diferentes no tempo e no espaço.

É comum chamarmos as manifestações de um povo de folclore, mas esse termo nos dá a ideia presa a um passado, que precisa ser conservado. Por isso preferimos nos referir esse conjunto de práticas apenas por culturas. Na prática é impossível conservar nossas manifestações exatamente como no passado, pois nós seres humanos e sociais, recriamos nossos hábitos a cada dia, inventamos palavras, fazemos modas, reinventamos nossas tradições e recriamos nossas festas.

A festa não apaga as diferenças, mas une os diferentes até mesmo porque a identidade que cria é uma unidade diferenciada. A festa é a reunião de vários elementos onde profano e sagrado se entrelaçam, mas jamais coexiste no mesmo espaço.

O sagrado e o profano são destacados por Eliade (1992, 1998) como modos distintos de ser no mundo, capazes de promover mudanças espaciais. Nas comemorações dos festejos o sagrado e o profano estão presentes, no entanto diluídos nos vários momentos da festa. A organização do festejo e os vários momentos, que dele fazem parte, é que vão caracterizar estes dois momentos. Nesse sentido, Rosendahl (1999b) contextualiza a questão do sagrado e do profano como formador e modificador do espaço seja de uma comunidade ou de uma cidade.

Apesar dos longos anos de comemoração religiosa dedicado ao santo São Sebastião, cabe frisar que os estudos feitos neste trabalho, a partir da memória dos entrevistados mostraram que os espaços sagrados e profanos da festa de São Sebastião do século XX e início do século XXI mantêm-se permanências e mudanças tanto na festa de rua quanto na religiosa. Portanto, os seguintes relatos sobre organização e tradição da festa dizem respeito na contemporaneidade, mais precisamente com referência aos anos de 1970 a 2017,

sobretudo, no que tange os aspectos profanos (comerciais e de diversão) dessa festividade, espaço esse no qual se encontram maiores transformações.

Desse modo, segundo Ortiz (2003) desde meados do século XX houve mudanças significativas nas expressões culturais, devido à expansão de ideologias capitalistas que foram intensificando, ao longo das décadas, os procedimentos modernos que abrangeram as estruturas sociais e econômicas, mas também religiosas, considerando-a assim, parte da expressão cultural de um povo. Essas questões se acentuaram ainda mais a partir da década de 1980, no Brasil, pois influenciou de maneira intensiva o contexto contemporâneo, cuja sociedade estava e estão mais expostas as condições propostas pelo sistema neoliberal.

2. Surgimentos e motivos da festa dos padroeiros

As manifestações religiosas associam-se à origem e o surgimento de vários municípios existentes no Brasil. Ou ainda a situações de calamidade, cuja fé da população associa à remissão dos males a presença da intervenção de um santo. Este é o caso do município de Dona Inês, que mantém uma relação histórica, cultural e espacial ao mesmo tempo. Conforme aponta Oliveira (1985, p.46) esta prática de se consagrar a cidade a um padroeiro criou o culto individual aos santos ou, mesmo, a um grupo deles. Dessa forma, cada cidade tem seu padroeiro e o momento de cultuar seu santo, como é o caso da cidade de Dona Inês que tem dois padroeiros.

O culto a São Sebastião na cidade de Dona Inês teve início no ano de 1936, a partir do senhor Manoel Ferreira de Lima, popularmente conhecido como Manoel Praeiro. O culto começou, devido a uma enfermidade sofrida por Manoel Praeiro e que não se cicatrizava. Por São Sebastião na cultura popular ter sido um protetor contra a peste, fez-se uma promessa para o santo, caso melhorasse rezaria uma novena em homenagem todos os anos. Conforme narrou a senhora Maria José, o milagre atendido pelo santo:

Seu Manoel Praeiro teve uma enfermidade que não tinha cura e ele fez uma promessa para São Sebastião, ficou bom logo e sarou com o milagre de São Sebastião. Aí ele continuou fazendo as novenas, com pouquinha gente, primeiro com as famílias, depois foi aumentando e crescendo, aparecendo mais e fazendo procissão, assim é, até hoje. Conta-se que a festa de São Sebastião já foi iniciada com essa promessa pelo Manoel Praeiro. A procissão era na casa dele e depois passou para a igreja. (Maria José da Silva, entrevista concedida a autora em 16/06/2015).

Segundo a entrevistada, ao receber a cura, o senhor Manoel Praeiro continuou a fazer as novenas. Percebe-se, que antes a novena era celebrada em casa junto com a família. Com o aumento dos devotos, a novena passou para a igreja. Essa relação mostra-se interessante considerando o fator de uma presença expressiva do catolicismo e o nível de integração das pessoas da pequena cidade, que permitiu a expansão do culto a São Sebastião. Ao observarmos à narrativa, é possível perceber que no decorrer do tempo, o espaço da novena tem passado por mudança. Logo, a população passa também por essas transformações no que se relaciona aos seus deslocamentos para veneração. Neste sentido, as transformações ocorrem, mas a tradição permanece, vejamos o que Maria Nilma Pereira Borges, acrescenta em relação à novena:

Manoel Praeiro contava que fez uma promessa, ainda era na capela lá na igreja mãe, da igreja velha. Ele conseguiu alcançar essa graça e colocar em prática a novena. Então, virou tradição e é até hoje. Na época ele servia vinho, servia bebida que me foge da memória, pra todo mundo que participasse e começou uma pequenina festa, aqui se tornou muito grande. (Maria Nilma Pereira Borges, entrevista concedida a autora em 25/05/2016).

Segundo a descrição desta senhora, o culto a São Sebastião surge de forma bem popular. O festejo caracteriza-se pela manifestação da fé e agradecimento ao santo de devoção. Para Brandão (2011, p. 64) “[...] A festa é o momento de reconhecer que foram agraciados com uma benção [...]” de tal modo que possa promover um contrato mútuo entre o religioso e o santo, realizado através da promessa. Dessa maneira, a festa seria um momento adequado para retribuir a graça recebida através de seus ritos pessoais e/ou coletivos.

É necessário ressaltar que antes o santo não era o padroeiro da cidade e sim Nossa Senhora da Conceição, comemorada no dia oito de dezembro. Todavia, com a promessa de Manoel Praeiro, o santo passa a ter destaque na cultura da cidade e ganha uma série de devotos com o passar dos anos. Verificamos como São Sebastião é representado para uma devota.

São Sebastião representa para mim, um grande exemplo, um martírio que sofreu que foi morto. É um exemplo de fé que a gente vê na transmissão das promessas pagas, tantas fitas amarradas na imagem de São Sebastião, quantas velas, quantas flores. Isso em agradecimento por graças alcançadas de fato. (Maria Nilma Pereira Borges, entrevista concedida a autora em 25/05/2016).

De acordo com a entrevistada, analisa-se a exaltação da devota pelo mártir. Vemos a manifestação dos devotos representada pela fé, gratidão e a ornamentação de enfeites simbólicos ao redor do protetor em prol da veneração ao santo. Contudo, no caso de Manoel

Praeiro não foi diferente, devido ao número de fiéis, o fundador da promessa pede colaboração para organizar a novena. “Todo ano pedia um dinheirinho, neste tempo um dinheirinho era pouco, ele arrumava 200 (duzentos mirreiros), 300 (trezentos mirreiros) para fazer a procissão dele¹.” Entende-se, na narrativa que o senhor Manoel Praeiro almejava fazer uma festa bonita e atrativa para quem participava, assim pedia ajuda para a realização todos os anos, mantendo assim sua promessa e tradição festiva. Podemos considerar que as festas de santos são promessas coletivas que visam o bem estar da comunidade, pois “[...] acredita-se firmemente, que se o povo não cumprir com sua obrigação ao santo, isto é, festeja-lo na época apropriada, ele abandonará a proteção que dispensa. Aqueles que custeiam as despesas das festas têm a convicção que o santo retribuirá esse sacrifício” (GALVÃO, 1976, p.31).

Observa-se que desde o início a população tinha a devoção de rezar a novena de Nossa Senhora da Conceição, a padroeira local do município. A notícia de cura intercedida por São Sebastião foi se espalhando entre a população local, das cercanias e com ela a devoção pelo santo, ocasionando que a cada ano mais pessoas participavam da novena.

Em 1935 a capela foi ampliada e passou a ser uma pequena igreja. Nesse mesmo ano o Ir. Manoel Ferreira de Lima (conhecido popularmente como Manoel Praeiro) que sofria de uma enfermidade que não cicatrizava fez uma promessa a São Sebastião [...] Tendo a graça de ficar curado da enfermidade rezaria todos os anos uma novena ao santo (LIVRO DE TOMBO, 1991fl 02).

No contexto histórico do livro de tombo, expõe a cura recebida pelo santo, já ressaltada pela memória individual dos entrevistados. De acordo com os registros paroquiais, por volta de 1970, a festa de São Sebastião já era tida como a real festa do padroeiro e mesmo todos os padres incentivando o novenário de Nossa Senhora da Conceição, essa devoção foi sempre tida pela população como secundária. Entretanto foi uma festividade que nunca despertou tanta devoção do povo. Como declara oralmente um padre que passou pela cidade na década de 1970.

A padroeira daqui era Nossa Senhora da Conceição, não era São Sebastião, não era Santa Inês, então nos primeiros anos que cheguei aqui, agente se esforçou para organizar a festa de Nossa Senhora da Conceição no dia 08 de dezembro, mais isso nunca pegou muito, nunca entrou na alma do povo aqui, a festa aqui era a festa profana ligada a parte religiosa, mais não era a partir da igreja, a partir dos padres, a festa aqui de São Sebastião nasceu do povo. (Padre Zé Florem, entrevista concedida a Silva em 19/01/2007)².

Segundo o depoimento do padre, sempre houve uma preocupação em despertar a devoção a Nossa Senhora da Conceição, no entanto as festividades se resumiam em comemorações religiosas, os quais a população não tinha interesse. Através desse depoimento

percebemos que a festa profana populariza, enriquece e desperta curiosidade a população trazendo muitos participantes.

Em 10 de junho de 1995 a igreja de Dona Inês recebeu o título de paróquia, passando a ter como padroeiro o já conhecido e venerado São Sebastião (celebrado dia 20 de janeiro) e Santa Inês (celebrada a 21 de janeiro) em virtude do nome da cidade.

A origem do Município de Dona Inês mantém-se uma versão distinta. Remete-se ao caráter histórico que advém dos tempos da escravidão, quando por volta de 1850, conforme a narrativa difundida originalmente por vaqueiros da região que encontraram a sombra de um cajueiro próximo a uma cacimba, uma mulher branca, de nome Inês. De acordo com esta versão, a mulher branca (que) viajava com seu serviçal negro, provavelmente um escravo, e que, posteriormente, nunca mais foi vista. Devido a esse corrido, relatado pelos habitantes, ficou naquele lugar a denominação de Serra de Dona Inês. (LIVRO DE TOMBO, 1991fl 02).

De acordo com o livro de tomo, em virtude do histórico da cidade, Santa Inês é homenageada como padroeira do município, assim a cidade venera dois santos: Santa Inês e São Sebastião, apesar disso, ainda tem destaque principal São Sebastião como se vê no depoimento a seguir.

São Sebastião é celebrado dia 20, Santa Inês dia 21 de janeiro. Então em homenagem a nossa cidade que tem o nome de Inês, foi feito o casal Santa Inês e São Sebastião e foi dado o nome a nossa paróquia de Santa Inês e São Sebastião. Então depois da fundação da paróquia até o momento é celebrada a festa de Santa Inês e São Sebastião, mas o foco maior é São Sebastião. Inclusive é lei municipal 20 de janeiro ser feriado no nosso município. (Maria Nilma Pereira Borges, entrevista concedida a autora em 25/05/2016).

Neste sentido, embora Santa Inês ter sido homenageada como padroeira da cidade ao lado de São Sebastião. As atenções voltaram-se para São Sebastião que venera até os dias atuais, oitenta e um anos de tradição.

2.1 Os primórdios da festa de São Sebastião

A Festa de São Sebastião com o passar do tempo sofreu grandes transformações desde o seu início. O que é ressaltado no depoimento dos entrevistados. Deste modo valorizamos o sujeito e resgatamos sua experiência sobre um passado próximo ou distante através de suas memórias.

Alguns pesquisadores dialogam sobre a valorização da memória, a partir da oralidade, abordando as trajetórias de vidas dos excluídos como se pode ressaltar a seguir:

Com frequência se diz que na história oral, damos voz aos sem voz. Não é assim. Se não tivesse voz, não teríamos nada a gravar, não teríamos nada a escutar. Os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, tem voz, mas não há ninguém que os escutem. Esta voz está incluída num espaço limitado do discurso e da palavra. Isso é um trabalho político, porque tem a ver não só com o direito a palavra, o direito básico de falar e de que se faça caso, de falar e ser ouvido, ser escutado, de ter um papel no discurso público e nas instituições políticas, na democracia. (PORTELLI, 2009, p.2).

Dessa maneira, o autor ressalta a importância da história oral para os registros históricos e privilegia a voz dos indivíduos, não apenas dos grandes homens, como tem ocorrido, mas dando a palavra aos “esquecidos ou vencidos” da história. A memória é algo fundamental na trajetória de vida dos seres humanos, para a história oral essa fonte perpassa os indivíduos pelo motivo da transmissão dos valores culturais, esse longo espaço percorrido no tempo é possível graças às lembranças e tradições coletivas e individuais de grupos sociais. Conforme conceitua Halbwachs:

Memória são as lembranças reconstruídas, obtidas mais pelo passado vivido e transmitido entre as gerações [...] o único meio de salvar tais lembranças e fixá-las por escrito [...] uma vez mas palavras e pensamentos morrem mas os escritos permanecem. (HALBWACHS, 1990, p. 85)

Diante disso, Halbwachs conceitua a memória e nos mostra que não devemos deixar passar as oportunidades, que temos de conhecer um pouco as histórias do passado, sendo que as transformações históricas só são apreendidas quando se faz a comparação entre passado e presente.

A memória é um dos pontos mais importantes para o pesquisador que trabalha com a História Oral possa chegar a conclusão necessária. Através da memória pode ser construída uma determinada história adormecida no passado. No entanto, a história oral não é memória. A memória é apenas um mecanismo utilizado para realizar a história oral.

Muitos pesquisadores utilizam a entrevista como um tipo de metodologia, pois existem diferentes aplicações. Conforme Lakatos (1991) e Gil (1994) selecionam como: estruturada, semiestruturada, informal focalizada, história de vida e história oral. Para resgatar a historicidade da festa dos padroeiros na cidade de Dona Inês, o processo metodológico deste trabalho além de remete-se aos estudos bibliográficos em livros, dissertações, pesquisa eletrônica em revistas e sites, registros paroquiais: livro de tombo e folhetos, usou-se principalmente a história oral, um grande elemento de estudo, hoje utilizado por várias disciplinas, que após a Escola dos Annales, pode ser denominado de elemento de

característica interdisciplinar, pois vem sendo utilizados por muitos estudiosos como uma fonte rica e inesgotável de informação.

Através do uso da história oral é permitido adentrar no mundo dos próprios sujeitos inseridos na festa dos padroeiros, fazendo-nos entender seu papel como tal, através do modo como cada um conta suas histórias, de acordo com o que nos orienta Alessandro Portelli (1997) “a história oral ao se interessar pela oralidade procura destacar e centrar sua análise de visão e versão que dinamizam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais”. Ou seja, a história oral é relevante para a tecedura de uma leitura social com o auxílio da oralidade, tornando possível que as pessoas que vivenciaram algum fato ocorrido saiam do anonimato dando informações que segundo Petruski (2008, p.20) “[...] não estão gravados em arquivos “oficiais”, mas sim na memória, na trajetória e história de vida de pessoas ditas comuns”. Desse modo, as narrativas que remetem as memórias vividas são instrumentos importantes de preservação e transmissão de heranças identitárias e das tradições, todavia a entrevista realizada utilizando o método da história oral busca uma compreensão melhor dos fatos, pois tem um sentido mais complexo e selecionado.

É fundamental valorizar a memória ou os conhecimentos adquiridos no transcorrer do tempo, onde as pessoas relembram a sua história e a trazem para o presente, mas o essencial é que elas não omitam a história real, para não perder o sentido dela, e não importa as formas de linguagens dos entrevistados, pois o importante é querer transmitir o verdadeiro sentido dos fatos, como afirma Ecléa Bosi (1994), não importa os erros e lapsos na narração, o que vale é a memória. Uma vez que “a lembrança é a sobrevivência do passado” (Halbwach,1990, p.53). De acordo com a autora, o passado sobrevive através das lembranças, o que marcou e continua marcando até hoje, apesar de não lembrarmos detalhadamente, o essencial ainda persiste em resistir. O importante é colher a memória dessas pessoas, resgatar as lembranças, o que elas pensam sobre a festa, se trouxe mudança, se teve resultado, enfim o que representa para a sociedade.

A festa de São Sebastião por volta de 1950 era muito popular e única na Vila, assim, aumentando os números de pessoas no festejo, tornando o evento ainda mais participativo. Com o passar do tempo, mesmo surgindo outras festas, a festa de São Sebastião continuava ímpar, como relata o senhor Antonio Bento:

As festas eram muito boas, porque [...] não existia outras festas durante o ano, era só aquela, esta tradicional de anos, hoje agente vê muita festa, festa naquele tempo era muito boa, porque agente ficava esperando o ano inteiro pra acontecer aquela festa realizada de ano em ano (Antonio Bento da Silva, entrevista concedida a Silva em 08/01/2007).³

Percebe-se que a festa de São Sebastião por ser realizada anualmente era almejada pela população, considerando-a exclusiva. Apesar de existir posteriormente outras festas, esta consiste destaque na dinâmica cultural do município permitindo que haja maiores adeptos.

Ao procurarmos entender o resgate histórico em suas diversas dimensões, encontramos como fonte a memória dos mais velhos, de acordo com Bosi (1994, p. 18) “os velhos são uma fonte onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara.” Neste caso, é preciso ouvir os mais velhos, pois as gerações futuras só saberão respeitar o passado se dele tiver conhecimento. A história oral é um instrumento usado para a construção da nova história que aborda a história não escrita. Este é um resgate que pode ser feito pela memória dos mais velhos.

De acordo com a entrevista do senhor Augusto Felipe, observamos o que nos conta da festa.

Pelo que sei dentro da idade que tive de sete anos, sempre eu vinha a essa festa, neste tempo não era cidade ainda, era distrito de Bananeiras mas no tempo que conheço dentre de 1957, eu participava garotinho, a festa era em frente a igreja mãe. Os rapazes vinham atrás de namorar, arrumar uma namorada, às vezes trazia a namorada para passear, ficava a noite passeando, rodando em carrossel. Neste tempo só existia carrossel, foi feito por um homem daqui. (Entrevista concedida a autora em 23/12/2015).

Pelo que vimos na entrevista, a festa de São Sebastião no ano de 1957 era um momento de diversão para os jovens passear, namorar e se divertirem no único parque que existia. Entende-se na entrevista que para os jovens a festa não teria uma conotação religiosa, mas a partir dela daria oportunidade de participarem destes espaços.

No início, a festa religiosa era a celebração de uma missa em honra a São Sebastião. O lugar não dispunha de um padre, então vinha um padre de Bananeiras celebrar junto ao povo esta data. Devido a grande devoção ao santo, as comunidades rurais começaram a participar. Percebe-se no depoimento a seguir.

Aqui não tinha padre, os que vinham era de Bananeiras. O padre que precedia aqui muitos anos foi o padre José Diniz, era de bananeiras. A missa era uma vez no mês, numa sexta-feira no tempo dele. O povo do sítio tinha reverência e vinham para a missa na igreja mãe. (Augusto Alves Felipe, entrevista concedida a autora em 23/12/2015).

A festa religiosa era um momento de agradecimento e louvação, no qual os devotos depositavam sua fé, era o encontro de amigos, como também de receber as bênçãos de Deus para a vida dos devotos. Apesar da falta de transporte das pessoas mais pobres, não era

motivo de deixar de vir para a missa de São Sebastião. Como expõe a entrevista de Maria José, que morava na zona rural neste período.

Eu e as pessoas sempre vínhamos para a missa a pé. Neste tempo não tinha carro, moto, quem tinha carro era as pessoas mais ou menos e podia vir de carro, mas todas as pessoas pobres sempre vinham a pé. A missa começava de madrugada no amanhecer do dia e terminando a missa todo mundo ia para a casa. (Maria José da Silva, entrevista concedida a autora em 16/06/2016).

De acordo com a entrevista, percebemos que por volta de 1951, quem tinham transporte para ir à missa eram as pessoas que possuíam poder aquisitivo. Um dos trechos da entrevista extraída da monografia de Silva (2007, p. 27), nos deixa clara a motivação dos fogos de artifícios como um dos atrativos da festa. Este atrativo vai ser importante no decorrer do tempo para manter o povo fiel à devoção. Conforme o depoimento que fala sobre este atrativo.

Eu gostava muito quando eu ia pra festa de São Sebastião porque agente via muita coisa bonita, principalmente os fogos, de frente a igreja tinha um cordão com uma lista de bombas, de hora em hora estourava uma, vinha um senhor de Bananeiras que ficava aqui a noite toda pra acender os fogos, então de hora em hora era muitos fogos, e de manhã tinha uma girândola que acordava todo mundo, era muito bonito, Manoel Praeiro sabia fazer uma festa bonita. (José Ferreira de Araújo, entrevista concedida a Silva em 08/01/2007).⁴

Na Vila a queima de fogos era uma tradição importante, recorrente há vários anos como significado simbólico durante a festividade. Sua apresentação agregava valor maior a festa, tornando-a mais animada, como também outros atrativos a exemplo da procissão e a presença do padre que foram de extrema importância ao longo do tempo como forma de manter a devoção popular.

Ao longo tempo o organizador da festa observou que a festa religiosa estava se desvinculando da festa profana, depois que terminava a missa, o povo ficava um pouco na festa e depois ia embora para suas casas, provavelmente por falta de motivação ou recursos financeiros. A saída foi transferir a missa para tarde da noite, acontecendo por volta de meia noite, mesmo assim, persistia o esvaziamento. De acordo com a entrevista da senhora Maria José, a estratégia encontrada para deixar o povo até o encerramento da festa, foi mudar a parte religiosa pra madrugada, ocorrendo às festividades na igreja por volta de 04h00min da manhã, tendo missa, batizado e casamentos. O padre chegava à noite e se dirigia a casa paroquial. Com o passar do tempo, foi observado que este horário não era bom para a comemoração religiosa devido ao grande número de pessoas cansadas e alcoolizadas na missa. Conforme relata o senhor Mariano, professor, 60 anos em sua fala:

Houve um período em que a missa era pra que as pessoas ao encerrar a festa voltassem para a casa, abençoadas, então é claro, havia bastante presença de pessoas alcoolizadas, depois essa missa passou por abrir a festa, então às pessoas acompanhavam a procissão, o padre celebrava a missa e a partir daí era a festa, o religioso terminava por aí, agora era o momento do profano. (Mariano Ferreira da Costa, entrevista concedida a autora em 14/03/2017).

Percebe-se que a partir da desvinculação festiva do sagrado e o profano, a festa religiosa teve que fazer adaptações em seus horários, para possibilitar a presença dos fiéis que por sua vez estavam festejando o profano - comemorado primeiro. Tendo em vista aos transtornos físicos dos participantes no espaço sacro, a solução foi inverter as festividades.

Uma tradição muito forte que resiste nos dias atuais na festa religiosa, é a procissão com a imagem do santo devoto, a qual cria a possibilidade de juntar um grande número de fiéis, os quais cumprem suas promessas, fazem seus pedidos e agradecimentos.

Apesar de a procissão ter grande importância na parte religiosa, a parte profana da festa tem sido desde o início a mais atraente. A mesma acontecia de frente à igreja e seu início acontecia depois da missa. Vejam a descrição de um desses momentos por um dos participantes.

A festa era na frente da igreja, era um pavilhão, tinha rematação de bebidas, o povo do sítio trazia galinhas vivas e assadas, bodes, garrote para fazer um sorteio {bingo}, o que chamamos de leilão, mas o principal era a cerveja, refrigerante e champanhe. Oferecia-se um copo de cerveja e de champanhe. O preço não me lembro. (Augusto Alves Felipe, entrevista concedida a autora em 23/12/2015).

Dessa maneira o espaço profano era composto por leilões doados pela própria população, eram arrematadas penosas, caprinos e principalmente bebidas, esta prática desencadeia um mecanismo de afirmação do prestígio da classe dominante no qual as pessoas que mais arrematavam eram as que possuíam melhores condições financeiras, já o bingo era visto como uma oportunidade para os mais pobres.

A festa era gratuita devido ao grande número de ofertas recebidas. O lucro obtido com vendas na festa era destinado aos gastos com a organização da festa e a outra parte, era doada a igreja, para reforma ou aquisição de algum objeto. Neste caso, as pessoas tinham uma festa de rua, que a própria sociedade preparava. A organização da festa estava dividida em duas partes, as pessoas ligadas a igreja e as pessoas ligadas a Manoel Praeiro.⁵

O pavilhão era o centro da festa para alguns, por isso era estruturado e organizado dessa maneira.

O pavilhão era feito de palha de coco verde e cobria-se com lona, quando via que ia chover deixava coberto com palha, fazia aquele pavilhão bem bonito, neste tempo só falava que os pavilhões era para os ricos, nos pavilhões dos ricos tinham lampião e as banquinhas dos pobres luz a gás. (Augusto Alves Felipe, entrevista concedida a autora em 23/12/2015).

Nesse sentido, havia uma estruturação para o acontecimento da festa profana, produzido pela própria população, porém o espaço estava associado àqueles que detinham poder aquisitivo maior para o consumo de comidas e bebidas, desfrutando assim uma iluminação provida a lampião. Neste período ainda a energia elétrica não era acessível na localidade, que só chegará posteriormente, que segundo o relato do professor Mariano, “era a luz a gás, mas na década de 60, Dona Inês tinha energia a motor, mas só na rua principal havia alguns postes de madeira com umas lâmpadas, [...] e pouquíssimas casas tinha essa luz a energia”.

Nesta época por volta de 1960, o pavilhão era dividido em duas partes, era enfeitada uma parte azul e outra vermelha, tinha dois cordões: o azul é o encarnado, garçonetes com vestimentas vermelhas e azuis.

Os pastoris eram em frente da calçada da igreja, dividida aí tinham o cordão azul e o cordão encarnado. Cada tinha aquela turma, moça toda vestida, o cordão azul ia tudo vestido de azul. No outro lado era de vermelho, moça se vestia tudo de vermelho e a bandeira que era de vermelho, no outro lado a bandeira era azul. Aí os que tinham mais pontos subiam. (Augusto Alves Felipe, entrevista concedida a autora em 23/12/2015).

No depoimento anterior, pode-se observar uma disputa interna, expressa através dos cordões azul e vermelho, a mesma era desenvolvida a partir das tendências políticas dos grupos que frequentavam a festa. Esta divisão é herdada do pastoril, dança folclórica nordestina.

A festividade era preparada de forma que todos pudessem participar, todavia as pessoas menos favorecidas que eram os agricultores e o povo mais simples, não adentravam no pavilhão por não entender que seria um lugar destinado a eles. Esses moradores dos sítios que acorriam à cidade durante os dias de festa ficavam ao redor do pavilhão, olhando de longe de braços cruzados, segurando o peso do corpo. A maior parte deles concebia o lugar destinado aos ricos ou as pessoas que tivessem dinheiro para gastar. Isso pode ser percebido no seguinte testemunho.

Só entrava aquele povo mais ou menos, porque ali era pago, dançar era pago, o povo não ia entrar ali, ficava arrodando, um pobre não ia entrar ali, ele não tinha condições de pagar uma mesa, para pagar bebida. E quem ia para os pavilhões era quem tinha condições melhor, porque alugava uma mesa e trazia amigos e amigas. [...] o pavilhão trazia um povo para tocar, tinham os cantos de dançar, era

cantadores, era mais forró, era mais sanfona, pandeiro aqueles cantor que não existe aí. (Augusto Alves Felipe, entrevista concedida a autora em 23/12/2015).

Desse modo, percebe-se que mesmo sendo uma festa gratuita, as pessoas humildes eram excluídas da festividade, pois de acordo com o depoimento neste espaço festivo (pavilhão) frequentado apenas pelas pessoas da alta sociedade donainesense (empresários políticos e comerciantes e etc.). O luxo e o glamour predominavam, as noites eram de pura diversão haja vista ao som de cantos e ritmos.

A festa era animada inicialmente por um serviço de som que vinha de Bananeiras, onde os sitiantes analfabetos chamavam as aparelhagens de som de “musgueiros”. No projetor de som eram usados os discos vinil chamados LP, depois foi evoluindo e começaram a trazer sanfoneiro, em seguida a banda de música que animava a procissão, já animava também a festa, somente depois começaram a trazer as bandas de fora, como relata o senhor Augusto Alves: “de passos avexados e sons barulhentos”, ou seja, que tinham ritmos e instrumentos diferenciados.

Outro destaque da festa era a forma usada para garantir a presença de pessoas influentes na festa, no qual quando a noite começava, saíam as garçonetes bem vestidas e organizadas, cada um com seu paraninfo, caminhando até o pavilhão cada uma colocava o seu paraninfo naquela mesa, a família daquele paraninfo já estava lá e começava a festa.

Tinha garçonetes, até eu já fui garçoneite, achava lindo, tinha as meninas que se vestiam de azul e de vermelho, e dentro dessa festa, as garçonetes elas também conseguia vender os bilhetes para conseguir ser a rainha da festa, então das garçonetes, quem conseguissem vender mais era quem chegasse a ser coroada. Então era um baile muito bonito. Com passadeira, com valsa, tudo bacana. (Maria Nilma Pereira Borges, entrevista concedida a autora em 25/05/2016).

Percebemos que existia uma recompensa para as garçonetes que vendesse mais bilhetes. Além de arrecadar dinheiro para a festa, estas seriam coroadas como a rainha. O convite ao paraninfo se torna um marketing com o intuito de garantir pessoas influentes. Estas pessoas poderiam ser do próprio município ou dos municípios circunvizinhos aos quais trariam seus familiares e divulgariam a festa em sua cidade, aumentando o capital da festa.

Essa estratégia da festa beneficiava grandiosamente os políticos locais, que durante a festa poderiam mostrar seu poder de dominação sobre o povo, e com isso tomar respeito nas transições políticas, onde negociava os votos dos eleitores. Na entrevista, percebemos que por volta de 1960, a presença dos políticos na festa serviria como forma de apoio para os devotos e uma forma de cobrança nas eleições futuras.

Os fazendeiros, os políticos participavam com a presença, oferecendo transporte para carregar a população da zona rural, estavam sempre participando. Eu me lembro daquela época do político Mozar Bezerra, de Afrânio Bezerra, que sempre estava presente, os prefeitos da época. Eles sempre se faziam presente, era uma honra para eles participarem em um ano de política, que ele encontrava a massa em si e estava presente nessa festa. (Maria Nilma Pereira Borges, entrevista concedida a autora em 25/05/2016).

É visto que os políticos como também a classe média era prestigiada na festa. A festa de São Sebastião serviria como um momento de visibilidade para os políticos conhecer seus eleitores, para assim os eleitores ajudá-los posteriormente através do voto.

Outro destaque que a festa de São Sebastião faziam acontecer era o encontro com as famílias, porque nas atividades as famílias se juntavam para conversar e festejar.

As famílias se juntavam e celebravam. Agente vê até hoje que é de costume, festa de São Sebastião agente vê muitas barracas, vendendo bolachinhas, que era o pão da festa, o refresco era guaraná, cutia, então todos que vinham comprava o fardo de bolachinha e ia celebrar em suas casas com as famílias. (Maria Nilma Pereira Borges, entrevista concedida a autora em 25/05/2016).

O depoimento aborda que a bolachinha era tida como tradição da festa, como simbologia para reunir as famílias e gerar lucros para os comerciantes que a vendia. Em entrevista com o senhor Augusto Alves Felipe, teve-se um ano que a festa foi suspensa, porque houve uma briga dentro do pavilhão, um participante furou outro. Isso foi por volta de 1966, contudo as pessoas foram embora e aqueles que trouxeram bebidas e bolachinhas tiveram prejuízos porque se a festa acabou eles não iam vender mais.

A festa de São Sebastião era então um momento especial na existência do município, um grande marco, que inaugura o ritmo social diferente daquele do cotidiano. Por exemplo: casamentos e batizados na igreja são agendados para o período festivo. No entanto no mês de janeiro aparecem muitos turistas oriundos das cidades vizinhas e as pessoas vindas de estados distantes como São Paulo e Rio de Janeiro, que vem passar o período festivo. Dentro dessa categoria ressaltamos os filhos da terra, designamos aqueles que tendo nascido na cidade, emigram por motivo de estudo ou emprego e que em período da festa retornam.

Dessa maneira a festa funcionou e funciona como elemento importante do calendário da cidade, marcando o período e as atividades consideradas importantes para a população.

2.2 A festa de São Sebastião a partir de 1970.

A Festa com o decorrer do tempo vai passando por transformações, em virtude da vinda do Padre Zé Florem da Bélgica, tornando-se vigário da cidade na década 1970, com visão teológica da Teologia da Libertação-este movimento é resultado de um processo histórico, político, social e econômico que surge, mas especificamente na América Latina na década de 60 e ganhou adeptos principalmente nas Comunidades Eclesiais de Base. A Teologia da Libertação entende que a Igreja Católica deve caminhar ao lado dos oprimidos, deve ver a realidade a partir da ótica dos pobres. Contudo no intuito de ajudar os menos favorecidos, padre Zé Florem começa a mudar o cenário festivo. Envolvendo o povo excluído nas diversões, passando a ter oportunidades dentro da festa.

Naquela época agente valorizava muito as celebrações feitas pelo povo, a missa só acontecia no dia da festa, o povo quem assumia as celebrações feitas pelo povo, a missa só acontecia no dia da festa, o povo era quem assumia as celebrações com dramatizações e leituras. Eram celebrações muito bonitas, também nós tentávamos fazer uma festa bem popular, nós buscamos coisas que agradavam o povo como violeiros para apresentar alguma coisa que agradava o povo, brincadeiras também com as crianças, cirandas e cantadores. (Padre Zé Florem, entrevista concedida a Silva em 19/01/2007).⁶

Com a presença deste padre no município as mudanças começam a surgir e a acontecer. Segundo o sacerdote, a igreja também deveria proporcionar mais lazer às pessoas. O pároco acreditava que o povo necessitava sair de sua rotina e se sentir entusiasmado ao voltar a sua realidade.

Naquele momento a Igreja através do Concílio Vaticano II, em que houve a Conferência Latina Americana de Puebla e Medellín e naquela ocasião a Igreja fez votos a opção preferencial pelos pobres e contra a pobreza, então esses padres eles rezavam, por essa cartilha do Vaticano II, eles também fizeram essa opção preferencial pelos pobres, daí eles criaram essa discussão com os latifundiários, já que eles estava em defesa dos pobres, não que eles tivesse contra os ricos mas eles estava contra a pobreza. Então eles não eram bem interpretados por aquelas pessoas que acompanhavam a orientação dos donos de terras, eles eram chamados de comunistas. (Mariano Ferreira da Costa, entrevista concedida a autora em 14/03/2017).

Desse modo, padre Zé Florem baseado na teologia da libertação em prol de ajudar os necessitados, via que era preciso transformações. Suas ideias repercutiam na sociedade, causando certo desconforto aos latifundiários, porque suas questões estavam diretamente voltadas à defesa dos direitos dos reprimidos e nesta época havia dominação social e política por parte dos donos da terra.

Por volta de 1973 surge um desentendimento entre o vigário e Joaquim Cabral de Melo. O conflito decorre quando o latifundiário considerado político influente do município, passou a expulsar as pessoas que viviam há muito tempo em suas terras, expulsões consideradas irregulares, assim a igreja incentiva o pedido de indenização por parte do latifundiário como forma de justiça social, porém os atos do reverendo promove a desavença entre eles, causando a divisão da festa de São Sebastião em duas: A festa do padre e a festa da prefeitura.

Naqueles tempos se pedia indenização para os que foram expulsos da terra [...]. No meu tempo os proprietários estavam expulsando os moradores e agente defendia os direitos dos moradores. Isso vai refletir na divisão da festa. Depois de uma dessas festas ele usou o som da prefeitura para acusar a igreja, os padres, os bispos até o papa de ser comunista (Padre Zé Florem, entrevista concedida a Silva em 19/01/2007).⁷

A atuação do pároco na defesa dos humildes vai ocasionar diretamente nas ações do poder público local contra a igreja. Desse modo, a igreja passa-se a fazer uma oposição declarada as ações do latifundiário Joaquim Cabral. Depois deste acontecimento, surgem-se duas festas profanas: a festa da prefeitura e a festa do padre. Tendo em vista as pessoas que eram funcionárias da prefeitura, eram proibidas de frequentarem a festa do padre, sendo vistas como contrárias ao poder político local.

[...] as pessoas que trabalhavam na prefeitura, era nomeadas pelos políticos, pois eram amigos dos políticos fazendo parte da sua panelinha política, então não se tem conhecimento de que se havia funcionário público concursado. Todos eram comissionados, eram apaniguado do prefeito. [...] Havia certo receio, as pessoas que eram próximas ao prefeito vinham à festa do padre, porque a festa deixou de ser na linguagem deles, a festa popular, a festa do povo, a festa do padroeiro e passou a ser a festa do padre e de lá na prefeitura, a festa do prefeito, nesse momento durante este período a palavra festa de São Sebastião saiu, entrou em desuso, porque chamava a festa do padre e a festa do prefeito ou a festa da igreja e a festa da prefeitura. (Mariano Ferreira da Costa, entrevista concedida a autora em 14/03/2017).

Vemos que a discussão entre o padre e o latifundiário repercutiu tragicamente na trajetória da festa do padroeiro ocasionando a separação desta, e surgindo novas denominações. A população se viu também afetada no que se circundam aqueles que tinham cargos temporários em influência da política local, pois houve uma ruptura no que se refere à participação da festa, logo seus empregos estavam em risco.

Diante desse enclave, os habitantes da zona rural, geralmente mais ligados as influências religiosas, passaram a fazer grandes doações em animais, frutas e sementes que eram usados nos leilões que são costumes até os dias atuais.

Existiam leilões, era realizado em todas as festas, até hoje é realizado a festa com leilões, os frutos da terra, muita gente doava cachos de banana, caixas de coco, galinhas, peru, fava e um pouco de tudo que o agricultor produzia. Ele ofertava pra realização da festa e do leilão. (Maria Nilma Pereira Borges, entrevista concedida a autora em 25/05/2016).

Neste sentido, a igreja recebia ajuda dos agricultores e agricultoras que produziam os alimentos cultivados da terra. É notório destacar que o leilão era organizado pela igreja, na figura de uma comissão. Todo dinheiro arrecado era mimeografado como parte do resultado financeiro do festejo, sendo gerido pela igreja. Os leilões aconteciam após a missa e a queima fogos.

Mesmo com a divisão da festa. Algumas coisas que eram comuns na festa da prefeitura, passavam a existir na festa do padre, como por exemplo: as garçonetes, o lado azul e vermelho e a disputa da rainha. Outro fato, é que na festa da prefeitura frequentavam pessoas da classe média e latifundiária. Todavia, na festa do padre, encontravam-se as pessoas mais humildes, sobretudo agricultores, com isso as pessoas passaram a se sentir mais a vontade para entrarem no pavilhão e se divertirem. Como ressalva Maria Nilma:

Era um grande pavilhão que era composto por garçonetes, lembro-me naquela época não tinha freezer, colocava em tambores, o pó de serra com gelo para as bebidas serem refrigeradas. As garçonetes eram todas padronizadas, elas trabalham com estilo e prazer, era uma festa que por mais que a pessoa fosse ignorante, não dizia: não irei ir, porque não era uma festa indecente para qualquer família, então todas as famílias vinham participar desse grande evento. [...] Se não entrava era porque não acomodava todo povo, mas todos eram convidados, saiam uns e entravam outros, era uma assistência boa [...] agente recorda com bastante saudade, tanto pobre como rico entravam no pavilhão. Era feito para os católicos, fiéis e para a população dona inesense. (Maria Nilma pereira Borges, entrevista concedida a autora em 25/05/06).

A festa do pavilhão, não tinha distinção de classe social, todos podiam entrar e era uma festa em que as pessoas não reclamavam, percebe-se que a entrevistada descreve um sentimento nostálgico em relação ao pavilhão, algo, que vai ser extinto ao longo dos anos.

Algo comum que se tem na festa dos padroeiros e de grande importância para o povo se divertir era o parque de diversões, uma das maiores atrações da festa. No início da festa existia somente carrossel, com um tempo veio outros brinquedos: canoa, cavalinhos e roda gigante. A roda gigante era empolgante tanto para as crianças, jovem e adulto e era comum enfrentarem-se filas para dar uma volta no brinquedo.

2.3 A festa religiosa na contemporaneidade

A Festa de São Sebastião tornou-se uma festa totalmente diferente daquela narrada por volta da segunda metade do século XX. O caráter cultural da festa foi se modificando e surgindo uma estrutura e uma organização diferenciada. Novos valores e rituais foram agregados à tradição, São Sebastião agora, não é o único em destaque, sua homenagem divide a atenção com Santa Inês, o novenário contempla, por sua vez, padres e leigos que diante da nova devoção vai constituir características específicas à festa.

Houve mudanças na festa religiosa, consistindo sua evolução tanto no que se refere a questão de esta ser considerada patrimônio cultural do município quanto uma forma efetiva de continuidade a tradição herdada pelas gerações passadas.

Atualmente o grande homenageado São Sebastião partilha seu andor com Santa Inês, em virtude da historicidade da cidade e depois da igreja receber o título de paróquia. Ambos tornaram-se padroeiros, assim, são festejados justamente nos dias 20 e 21 de janeiro.

A manifestação cultural-religiosa na cidade de Dona Inês é sediada e vivenciada há 81 anos em louvor a São Sebastião e 26 anos de devoção a Santa Inês, comemorados nos dias 12 à 21 de janeiro. Os festejos tem duração de dez dias, sendo nove relacionados ao novenário e o último dia a procissão juntamente com a missa, representando um evento religioso de forte apelo popular, consagrando-se também como uma das manifestações culturais de maior significação da cidade.

No depoimento seguinte, o Padre João Batista, evidencia em sua fala que a festa religiosa por volta de 2007 esta organizada de uma forma que tenta trazer os fiéis a apreciar os momentos de religiosidade durante a novena, sendo que neste período, a novena é feita de nove noites de missas para a comunidade, precedidas pelo padre local e vigários de outras paróquias de cidades vizinhas, o que antes não era possível devido a carência de padres, que só vinham celebrar na última noite. Conforme relata:

O novenário tem a duração de nove noites, estas noites são celebradas durante a semana por padres de outras paróquias, nos finais de semana pelo padre da paróquia local, a mesma tem a intenção de atrair os fiéis a igreja, sobretudo os mais jovens, que se envolvem na bebedeira com amigos a que vem visitar a cidade neste período. Também tentamos chamar a atenção para os movimentos de massa, quando colocamos na programação eventos como a bênção dos motoristas e etc. (Padre João Batista, entrevista concedida a Silva em 08/03/2007).⁸

Sobre o mesmo contexto evidenciado na fala do Padre, a uma satisfatória contribuição de padres para o novenário. Este ainda reforça a ideia de que é preciso chamar a atenção de

todos, para que volte a frequentar as celebrações. Com o intuito de manter a tradição festiva, onde novas gerações possam garantir a manutenção desta cultura religiosa. Diante das condições atuais da população foi dada a atenção aos motoristas, sendo homenageados na primeira noite em um percurso saindo do sítio queimadas para a igreja matriz, como discorre o senhor Augusto Felipe:

Tem um dia que tem uma procissão do Sítio Queimadas para Dona Inês trazendo imagens. Hoje eles trazem de carro as imagens, mas antigamente era a pé, todo mundo vinha a pé, nem moto o povo tinha quando começou, hoje o povo vai de moto, carro, aí não querem vir a pé, mas de primeiro era a pé. Hoje o povo tem mais condições, tem uma moto, carro, uma bicicleta. (Augusto Alves Felipe, entrevista concedida a autora em 23/12/2015).

O entrevistado nos conta uma época de plena fé, na qual a população diante do trajeto que envolvia a imagem caminhava em procissão abrindo os festejos do novenário. Na época a população não desfrutava de recursos financeiros como atualmente, por isso era realizado a pé. Hoje devido ao grande número de motoristas, a trajetória é percorrida em carreta, assim, considerando esse dia uma homenagem aos motoristas, através da bênção aos condutores.

Para a realização dos novenários, a igreja conta com o apoio de um conselho paroquial, que planeja e executa as ações, juntamente com o padre e membros da comunidade, pois o espírito de contribuição ainda existe e não diminuiu no decorrer dos anos. Nesse período a igreja recebe colaboração de pessoas, querendo ajudar de alguma forma, pagando promessas com o próprio dinheiro, colaborando para a realização da festa, porque as despesas não são pequenas, seja questão de divulgação, faixas, carro de som na rua, panfletos e etc.

Para os fiéis e devotos à procissão é o ápice da festa religiosa, de acordo com a entrevistada Josefa Cassiano da Silva, 81 anos, aposentada nos relata: “o que mais chamava atenção na festa religiosa era a missa principalmente a procissão”. Percebe-se que a procissão era o momento mais sublime das comemorações dos santos padroeiros, no qual as imagens são carregadas em um andor e percorre pelas principais ruas da cidade. Moradores locais em grande maioria ornamentam suas casas com oratórios, onde a imagem dos santos homenageados se destaca. Flores e faixas também enfeitam esses pontos de saudação e louvor aos padroeiros.

A procissão é o ato que acontece tendo como responsabilidade o encerramento da festa religiosa de Santa Inês e São Sebastião e tem o poder de atrair centenas de fiéis, que vem render sua homenagem aos santos intercessores. Vejamos o depoimento da entrevistada ao vir para a procissão de São Sebastião.

Muitas vezes as pessoas, meus pais, orientava que todos viessem de vermelho em homenagem ao próprio mártir. As pessoas vinham bem compostas. Muita gente de vermelho, muitas pessoas de pés descalços, com pedras na cabeça, celebrando o agradecimento por muitas graças alcançadas. Era uma grande multidão. A festa de São Sebastião é celebrada no mês de janeiro, então é um feriado de férias que muitos moradores do nosso município vêm do sul do país, de outras regiões, de outras capitais, para puder participar dessa grande festa. (Maria Nilma Pereira Borges, entrevista concedida a autora em 25/05/2016).

Percebe-se que existia uma orientação dos mais velhos sobre as vestimentas para participar da procissão homenageado o santo protetor. Analisa-se que a procissão é uma caminhada alimentada pelo simbolismo em nome de Santa Inês e São Sebastião, onde os fiéis expressam sua fé, reverência, dádivas, rezas e agradecimentos pelas graças alcançadas. Vejamos o que mais chamava atenção na festa dos padroeiros para Maria Nilma, secretária, 45 anos: “Era a fé do povo. A participação. São muitas graças alcançadas, muitos testemunhos, a igreja sempre cheia todas as noites, a procissão assim no final com muita gente e arrastando multidões”.

A festividade religiosa entoava o hino que remete a história dos mártires Santa Inês e São Sebastião. A letra nos ensina a perseverança e o sucesso de quem segue a Cristo, não teme a morte mesmo diante das críticas e das perseguições. O hino dos padroeiros foi uma produção feita pelo Padre José Renato Ferreira de Oliveira, por volta de 2011.

SALVE O NOSSO SANTO PADROEIRO

Salve o nosso santo padroeiro
 Foi soldado e foi guerreiro, mas lutou só pelo bem.
 São Sebastião lutou no exército de Deus também.
 E não bastou...

Não, não, não, não, não.
 Uma flecha não bastou pra calar a sua voz.
 São Sebastião, São Sebastião rogai por todos nós.

Salva a nossa Santa preferida,
 Santa Inês virgem bendita venceu a morte pelo amor.
 Ela amou. Ela amou Jesus com seu amor
 E não bastou...

Não, não, não, não, não.
 Uma espada não bastou pra calar a sua voz.
 Santa Inês, Santa Inês rogai por todos nós

Salve o nosso santo preferido
 São Sebastião querido mora em nossos corações.
 Força, fé e amor e a esperança em Cristo redentor!
 E não bastou...
 Não, não, não, não, não
 Uma flecha não bastou pra calar a sua voz.
 São Sebastião, São Sebastião rogai por todos nós.

Como se observa na letra do hino, São Sebastião foi um exemplo de vida cristã, mesmo sabendo dos perigos de ir ao encontro do Imperador Romano, levou sua fé adiante e foi um exemplo para o povo servindo de mártir. Por ter sido um soldado, São Sebastião é tido como protetor contra a guerra, fome e a peste. Santa Inês nos mostra que apesar de ser cobiçada por sua extraordinária beleza e apesar das tribulações passadas não renegou Jesus Cristo. Ela foi um exemplo de amor e fidelidade.

O hino nos remete a história dos mártires. Uma das formas também de resgatar a festa no passado e que na procissão dos santos, conseguiu-se por vários anos uma banda de música para acompanhar a procissão. Tentando reviver o saudosismo do passado, pois os entrevistados nesta pesquisa falavam de uma banda de música, que acompanhavam a procissão e que depois ficava para tocar na festa, isso se percebe que foi resgatado pela igreja alguns anos, porém não resistiu.

Ao chegarem novamente na igreja matriz onde é o término da procissão, a missa é celebrada por um padre ou bispo. Há alguns anos, vem se tentando colocar como uma tradição a quermesse, onde os devotos podem comprar salgados e bebidas se desejarem. Além da quermesse tem o leilão e por último o bingo dos dizimistas.

Para algumas pessoas que viram a evolução da festa na igreja desde sua formação, entendem-se as diferenças existentes entre o passado e presente, como nos diz uma entrevista.

A diferença no dia de hoje é que agente não tem mais o pavilhão, não tem mais o baile da rainha, a clientela que agente vê já é de outras famílias, hoje não tem o mesmo entusiasmo de antes, a tradição continua, agente vê que a festa profana é mais chamativa, então o povo de Dona Inês e que vem de fora, eles não vem só pensando na festa de São Sebastião religiosa, eles vem pra duas opções. E vem pra festa profana, pra muitos jovens é mais atraente. (Maria Nilma pereira Borges, entrevista concedida a autora em 25/05/2016).

Neste caso apesar de toda estrutura da festa religiosa, os festejos da rua passaram a atrair visitantes de outras regiões e cidades circunvizinhas superlotando toda área onde o

evento ocorre. Essas atrações na atualidade têm repercutido na cidade com mais intensidade que a tradicional festa dos santos na igreja, principalmente, entre os mais jovens que se dispersam do evento que acontece na igreja.

2.4 A festa profana na contemporaneidade

A trajetória da festa profana de São Sebastião foi a que mais sofreu modificações. As mudanças vão acontecendo desde meados da década de 1970, onde a festa sai da frente da igreja e vai para a quadra de esportes da cidade. No entanto esta mudança não foi muito sentida, porque continuou sendo feito o pavilhão na quadra e as pessoas continuavam observando a festa mesmo não estando participando dela. Conforme nos conta seu Augusto Felipe, a este respeito.

Eu acho assim, eu não participo mais, eu acho que a festa de primeiro era melhor, mais organizada, o povo tinha mais reverência, hoje o povo não tá nem aí. Antigamente a comemoração era diferente de hoje, a de hoje é de banda, estão dentro de uma quadra e ficam lá, aquelas coisas no meio da rua e pronto. (Augusto Alves Felipe, entrevista concedida a autora em 23/12/2015).

Percebe-se uma falta de entusiasmo pela festa nas quadras em comparação as anteriores que eram organizadas em frente à igreja. A festividade vai assumindo novas características. Posteriormente na década de 80 o espaço da quadra vai ser coberto e murado, passa-se a cobrar entradas para o acesso à festa, logo aqueles que observavam a comemoração não desfrutavam mais desse hábito em virtude desta nova determinação.

No que se refere aos habitantes que não tinham poder aquisitivo, a prefeitura desencadeava uma festa a parte, separando-os, mas permitindo a diversão, porém havia certa restrição a este grupo limitando aos parques e barracas.

O momento simbólico e tradicional do município era uma ocasião para as pessoas ficarem passeando e observando o comércio presente na festa profana, pois aqueciam o comércio local (supermercados, mercadinhos, lojas de vestuário, bares e restaurantes), permitindo também comerciantes das cidades circunvizinhas de venderem seus produtos e oferecem também serviços no município. Moradores locais que não tem renda financeira do comércio efetivo, nesse período procuram meios de obter alguma lucratividade por ocorrência da festa, a exemplos de aluguéis de terrenos próximos aos festejos, estes que acabam transformando o espaço para fins lucrativos. O comércio informal tem uma variedade de coisas para vender, nas quais apresentam diversas bugigangas: copos e brinquedos que acendem, bichinhos de pelúcia, bolas de plásticos, passarinhos sonoros, bijuterias, relógios,

fantoches, bonés, pulseira com emblema dos principais times de futebol, cds de músicas religiosas e ecléticas, em que apresentam a um comércio de produtos ao gosto popular que satisfaz o consumo em um sistema capitalista presente nos espaços profanos.

Na década de 90, o prefeito passa a responsabilidade de organizar a festa, deixando a cargo por particulares do município.

Na gestão do prefeito Luís José, a festa foi privatizada, não, foi privatizado os shows, as bandas, então quando, antes ficavam nas ruas tocando no pavilhão, tocando em cima de um palco, geralmente o palco era um caminhão, hoje o palco é bem estruturado com jogos de luzes, então estava ali para todo mundo. A partir de Luís José, o irmão dele que era o vice dele o Elmo José, então ele levou as bandas que vinham para se apresentar para o ginásio de esporte, então as pessoas pagavam pra assistirem ao show dessas bandas, o povão ficava nas ruas passeando nos parques, nas barracas, tomando a sua cerveja, comendo seu churrasquinho [...] que hoje chama espetinho, mas antes era tira gosto e isso durou no período de várias gestões desse prefeito, acredito no período de duas ou três gestões ele privatizou a parte do shows. (Mariano Ferreira da Costa, entrevista concedida a autora em 14/03/2017).

Percebe-se que o show se torna reservado a um público específico que tem mais poder aquisitivo, que por sua vez é produzido por um membro de prestígio social, acarretando deste modo, a ausência dos mais humildes que não tinham condições financeiras satisfatórias, provendo a estes novas dinâmicas na festa.

Segundo Silva (2007, p.42) algumas instituições tentaram fazer a festa, porém sempre terminava em confusão do grupo e acusações de roubo do lucro. Como ressalta Mariano, “havia muita gente na cidade, contratavam a banda e ninguém sabe o destino deste contrato e o que faziam com o lucro. Isso nunca foi esclarecido”. Ou seja, não havia transparência em relação aos gastos, houve também uma nova estratégia, estabeleceu-se sociedade com grandes bandas por meio de seus empresários, porém agravou-se mais a exclusão dos mais simples.

A festa muda novamente de lugar, sendo realizada no novo ginásio poliesportivo em 2003, seu foco ainda mantém o mesmo preceito que é o lucro. O parque que animava a rua antes das festividades, também é transferido para o local onde acontecia a festa. Logo os festeiros são direcionados a mudarem seus espaços ao encontro do entretenimento.

Em 2007, há um investimento por parte do poder público em um espaço propício as festas direcionadas aos excluídos, são festas de lazer gratuitas, remetidas aqueles não tinham condições econômicas. Todavia, este grupo social carente de recursos, continuava desprovido da exibição da festa exposta no ginásio. De modo geral, nesse período o poder público determina as normas sobre a tradição cultural da festa, promovendo ainda a separação social

daqueles que podem e não podem participar de determinados espaços, a exemplo da festa do ginásio que administrava uma qualidade melhor.

Por volta de 2009, na gestão do novo prefeito eleito, o poder público municipal passa a administrar as festas, permitindo que a festa do padroeiro, esteja ao alcance de todos aqueles que desejem participar, como nos informa Mariano,

Com o prefeito Antonio Justino, foi uma das coisas que ele nos seus comícios, falava para o povão que ia trazer as festas para as ruas, no primeiro ano da gestão dele, ele já trouxe algumas bandas para se apresentar em praças públicas, no meio da rua e de lá durante esses oito anos foram duas gestões vem acontecendo a festa totalmente gratuita a banda na rua, o povo na rua passeando. (Mariano Ferreira da Costa, entrevista concedida a autora em 14/03/2017).

Desse modo, a festa popular por ser única e estruturada para todos, permite que a população tenha acesso direto a comemoração, que por sua vez vai ser nos espaços públicos, como também, permitindo que o gestor possa cativar o povo, associando condições favoráveis a sua reeleição em circunstância do feito.

Devido à necessidade de obter a simpatia dos eleitores, destaca-se um olhar diferenciado a juventude, pois eles participam efetivamente do festejo indo com mais entusiasmo, vejamos o que discorre Mariano em relação à festa:

[...] quando ele {refere-se ao prefeito} vai contratar essas bandas, isso mais recente com o advento das redes sociais, aliás, ele coloca na rede, o nome de algumas bandas, para saber qual a opinião dos jovens e muitas vezes ele já até colocou também nas redes, qual a localidade que as pessoas escolheriam para acontecer a festa, se era na avenida, na sua rua principal, que ele chama na Rua Pedro ou seria lá na frente, em frente ao bacurau e conseqüentemente tem mais espaço para ter bastante gente. (Mariano Ferreira da Costa, entrevista concedida a autora em 14/03/2017).

Recentemente com o acesso as redes de comunicação e informação social, a população jovem teve a oportunidade de participação no que se trata do melhor espaço para a realização da festa e das possíveis escolhas a respeito das atrações musicais do festivo.

Apesar das mudanças ocorridas atualmente, para Maria José a festa por volta de 1950 a 1960 era bem melhor em relação aos dias atuais.

Era muito boa a de antigamente, mas não tinha a claridade que tem hoje, hoje porque tem energia fica bem melhor, só que naquele tempo era muito de respeito, agente se saísse assim, por exemplo, na minha rua, que era uma rua muito simples, mas ninguém andava com pilera, as violências que faz hoje. (Maria José da Silva, entrevista concedida a autora em 25/05/2016)

A entrevistada remete uma relação entre o passado e o presente da festa com pontos positivos e negativos referentes à iluminação e o valor do respeito mútuo e significativo dos participantes.

Portanto com as transformações que aconteceram ao longo da segunda metade do século XX até a atualidade, tanto as manifestações culturais quanto pela introdução dos espetáculos musicais, o município conserva a estrutura sagrada da festa como as novenas, a missa e a procissão que é o auge da manifestação religiosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os enfoques abordados no presente estudo, sobre o resgate histórico dos padroeiros na cidade de Dona Inês, verificou as mudanças e permanências tanto nos espaços sagrados como nos espaços profanos do festejo de 1970 até a atualidade, através do resgate da memória individual dos habitantes, aliando-as as fontes escritas. A pesquisa propôs ressaltar que a festividade não abrange apenas vínculo voltado ao religioso, mas também permite a construção da cultura local em meios aos papéis que a sociedade vai assumindo e reforçando a identidade sociocultural do município, permitindo assim a preservação da tradição. Isso foi perceptível nas entrevistas realizadas e nas conversas informais ao longo da construção do trabalho.

O estudo constatou as fases mais significativas da trajetória da festa, observando a desagregação de Nossa Senhora da Conceição e o surgimento de um novo padroeiro - São Sebastião, como também a importância da devoção pelos fiéis ao longo do tempo, a criação e a recriação do espaço sagrado e profano, a introdução de Santa Inês como padroeira, os conflitos e ideologias da época, enfim, todos os aspectos preponderantes para manter viva a tradição.

A Festa de Santa Inês e São Sebastião torna-se um espaço de encontros e reencontros, devido a uma dinâmica maior de pessoas de cidades circunvizinhas e do sudeste do país que vem comemorar a festividade ao lado dos seus familiares como também o momento de encontro das gerações, das distintas classes sociais, incorporadas nas atividades ligadas a arte, ao trabalho, ao lazer e a política.

Observou-se que a devoção juntamente com todo o aparato dos aspectos religiosos vai permitir uma forte tradição no município ampliando suas dimensões, que vão ser significativas no arranjo da expressão do religioso como também na construção do profano, que por sua vez, são vistas em diferentes perspectivas, estes aspectos fazem com que a festa torne-se um marco na vida dos donainsenses, simbolizando a história, as expressões culturais, enfim, a tradição da própria população.

Portanto a festa estar sempre se renovando, agregando novos significados, práticas, valores, costumes, permitindo que a memória continue viva e esteja em plena construção. Assim, o presente trabalho contribui para um melhor conhecimento da festa dos padroeiros permitindo a reconstrução do passado a partir do presente, uma vez que relembrar é repensar e refazer novos hábitos, desse modo o estudo não debate apenas sobre os acontecimentos, mas os significados destes a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita. **As mediações culturais da festa**. Revista Mediações. Londrina, n.3, vol I, p. 3-22, jan /jun.1998.

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que "não é sério"**. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil, no ano de 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3ª ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sergio Miceli. São Paulo, perspectiva 1987.

BRANDÃO, Alex Sandro da Conceição. **Santos Reis: festa, poder e memória na comunidade rural de aldeia (Governador Mangabeira- BA 1970-2000)**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em história regional e local, da universidade do estado da Bahia/UNEB. Santo Antonio de Jesus – BA, abril – 2011.

BURKE, Peter. **Cultura na Idade Moderna**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. Europa 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense,1983.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N. Sra. da Conceição e Sant'Anna em Salvador (1860-1940)**. Assis: UNESP, 2004 (Tese de Doutorado em História).

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e Profano: A Essências das Religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Lorena Dutra Moreira. (2009). **Festas religiosas: uma manifestação cultural de Mariana**. Ouro Preto: ETFOP.

FERRETI, Sérgio. Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil-modelos, limitações, possibilidades. **Revista tempo**. Niterói UFF-Dep. de His, Nº 1, Julho 2001-Religiosidades na História, p-13-26.

FRADE, Cascia. **Coleção para Entender: Folclore**. 2ª ed. São Paulo: Global, 1997.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Viagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. 2ª ed. São Paulo Ed. Nacional; Brasília, INL. 1976.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro. LTC, 1974.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 3ª ed., 1991.

LIMA, Josué da Silva. **Manual de normalização**: Apresentação de trabalhos científicos. Belém: FATEBE, 2015, 125p. Disponível em: <https://www.assessoriaescrita.com.br/wp-content/uploads/2015/06/normas-abnt-2015.pdf> Acesso em 22/03/2017.

LIMA, Paulo. Regras ABNT atualizadas para TCC e Monografias. 2017. Disponível em: <http://www.mundodastribos.com/regras-abnt-atualizadas-2013.html> Acesso em: 22/03/2017.

MOLAR, Jonathan de Oliveira, ITÁLA, Serafim Almeida. **O religioso e o profano em Alcobaça-BA (1990-2010)**. CLIO – REVISTA DE PESQUISA HISTÓRICA – n. 31.1 ISBN 0102-9487.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

NEVES, Annie Larissa Garcia. **Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos: Festas, Procissões e Funerais**. Natal. UFRN, 2003.

ORTIZ, Renato. **A consciência fragmentada. Ensaio de cultura popular e religião**. São Paulo: Paz e terra, 1980.

PETRUSKI, Maura Regina. **Julho chegou... e a festa também: Sant'Ana e suas comemorações na cidade de Ponta Grossa (1930-1961)**. Tese de Doutorado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2008.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder**. Transcrição de Luiz Henrique dos Santos Blume, a partir do arquivo em áudio. wmp. Tradução de Luiz Henrique dos Santos Blume e Heliana de Barros Conde Rodrigues. Mnemosine Vol.6, nº2, p. 2-13 (2010) – Artigos. Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral**. Revista do programa de estudos pós – graduação em história e do departamento de história. Ética e história oral. São Paulo: PUC. nº 15, 1997. p.13 -33.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis: O sagrado e o urbano**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999b.

SARAIVA, Adriano Lopes. **Religiosidade Popular e Festejos Religiosos: Aspectos da espacialidade de comunidades Ribeirinhas de Porto velho, Rondônia**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010 - ISSN 1983-2850.

SILVA, Josenildo Fernandes. **A evolução cultural da festa de São Sebastião em Dona Inês-PB**. Monografia de pós-graduação. Guarabira-PB, 2007

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo, Editora 34, 2000.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta, VELOSO, Telma Maria Grisi (organizadoras) **Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória**. Campina Grande: EDUEP, 2005.

FONTES ORAIS

Augusto Alves Felipe, 65 anos. Entrevista realizada no dia 23/12/2015, na cidade de Dona Inês-PB.

Josefa Cassiano Silva, 81 anos. Entrevista realizada no dia 25/05/2016, na cidade de Dona Inês-PB.

Maria das Graças Antonio Silva, 55 anos. Entrevista realizada no dia 10/04/2015, na cidade de Dona Inês-PB.

Maria José Silva, 65 anos. Entrevista realizada no dia 25/05/2016, na cidade de Dona Inês-PB.

Maria Nilma Pereira Borges, 46 anos. Entrevista realizada no dia 25/05/2016, na cidade de Dona Inês-PB.

Mariano Ferreira Costa, 60 anos. Entrevista realizada no dia 14/03/2017, na cidade de Dona Inês-PB.

FONTE DOCUMENTAL

FERREIRA, Gomes da Costa Antônia. **Livro de Tombo**. Arquivo Paróquia de Santa Inês e São Sebastião. Dona Inês-PB. 19/10/1991.

NOTAS

¹Trecho extraído da Monografia de SILVA, J. F.

² Entrevista realizada por SILVA, J. F, em 19-01-07. Trecho extraído de sua Monografia de pós-graduação: A evolução cultural da festa de São Sebastião em Dona Inês-PB.

³Entrevista realizada por SILVA, J. F, em 08-01-07. Trecho extraído de sua Monografia de pós-graduação: A evolução cultural da festa de São Sebastião em Dona Inês-PB.

⁴ Entrevista realizada por SILVA, J. F, em 08-01-07. Trecho extraído de sua Monografia de pós-graduação: A evolução cultural da festa de São Sebastião em Dona Inês-PB.

⁵ Trecho extraído da Monografia de SILVA, J. F.

⁶ Entrevista realizada por SILVA, J. F, em 19-01-07. Trecho extraído de sua Monografia de pós-graduação: A evolução cultural da festa de São Sebastião em Dona Inês-PB.

⁷ Entrevista realizada por SILVA, J. F, em 19-01-07. Trecho extraído de sua Monografia de pós-graduação: A evolução cultural da festa de São Sebastião em Dona Inês-PB.

⁸ Entrevista realizada por SILVA, J. F, em 08-03-07. Trecho extraído de sua Monografia de pós-graduação: A evolução cultural da festa de São Sebastião em Dona Inês-PB.